

A corporeidade integrativa das medicinas alternativas e das novas espiritualidades

Maria Regina Cariello Moraes
Doutoranda do Programa de Sociologia - USP

Resumo

O objetivo deste texto é apresentar a noção de corporeidade compartilhada por medicinas alternativas e espiritualidades inspiradas em tradições do Extremo Oriente, refletindo brevemente sobre os aspectos simbólicos da cura integrativa que propõem.

Palavras-chave: corporeidade, medicinas alternativas, novos movimentos religiosos

Abstract

The objective of this paper is to expose the notion of corporeity that is present in alternative medicines and spiritualities inspired by traditions of the Far East, reflecting briefly on the symbolic aspects of integrative healing proposed.

Key-words: corporeity, alternative medicines, new religious movements

Introdução

A interferência das emoções na saúde fisiológica atualmente é uma ideia quase que naturalizada e defendida por diversos saberes, incluindo a medicina, principalmente após a divulgação de pesquisas acerca da depressão, estresse e ansiedade. Assim, a concepção de corpo integrado à mente já não parece uma ideia absurda como ocorria há algumas décadas, quando era defendida principalmente pelas medicinas alternativas, por religiosidades orientais e espiritualidades orientalizadas, nas quais essa integração era mediada pela categoria *energia* dentro de uma perspectiva mística. Tendo em vista a crescente popularização das medicinas alternativas, e a recente institucionalização de algumas delas, a retórica sobre a integralidade do corpo foi ressignificada secularmente, dispensando os aspectos espirituais, embora na prática os métodos alternativos de tratamento estejam baseados na circulação de uma força inefável no organismo e na sua manipulação para efeito de saúde.

Este texto tem como objetivo apresentar a noção de corporeidade atravessada por energia como ponto de intersecção entre as medicinas alternativas e as novas espiritualidades, refletindo brevemente sobre os aspectos simbólicos da cura integrativa proposta por ambas no

âmbito da contracultura e do posterior reavivamento místico que inspirou os movimentos alternativos de saúde dos anos 1970-1980.

Medicinas alternativas e novas espiritualidades

A alcunha *alternativa* por muito tempo foi aplicada às medicinas não alopáticas e terapias dissidentes da psicanálise, entre muitas outras, tais como: homeopatia; medicinas chinesa, antroposófica e ayurvédica; fitoterapia; florais de Bach, reiki, ioga, meditação, bioenergética, iridologia, aromaterapia, radiestesia, etc. Esses tratamentos não são recentes no Ocidente, mas permaneceram marginalizados até serem recuperados pelo movimento de contracultura (LAPLANTINE; RABEYRON, 1989).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) utilizou o termo *medicina alternativa* pela primeira vez em 1962 para denominar o conjunto das medicinas tradicionais e outras não convencionais (LUZ, 2005, p. 37). Desde 1978, algumas dessas medicinas vêm sendo amplamente incentivadas pela OMS por serem menos custosas, tratarem distúrbios psicossomáticos e ensinarem procedimentos de autocuidado para os indivíduos. Algumas delas - principalmente chinesa, ayurvédica, fitoterapia e homeopatia - foram denominadas *complementares*¹, a partir da década de 1990, num esforço de legitimação para que possam ser utilizadas dentro do sistema público de saúde. Apesar da secularização e submissão dessas terapêuticas ao modelo hegemônico de medicina alopática, há um arsenal simbólico comum entre os métodos alternativos que não pode ser dissociado das crenças das novas espiritualidades.

Medicinas alternativas e novas espiritualidades sempre estiveram intimamente ligadas, desenvolveram-se a partir das mesmas fontes históricas, seguiram caminhos paralelos e comungaram de concepções e crenças, tais como as ideias de integração universal, sacralização da natureza, divinização da humanidade e circulação de energia cósmica em seres vivos. Compartilham de uma noção de corpo que possui também aspectos imateriais (psíquicos, espirituais e energéticos), que será tratada aqui pelo termo *corporeidade*,

¹ Conforme o relatório *Estratégias da OMS sobre medicina tradicional (2002-2005)*: “Medicina tradicional (MT) é um termo amplo que se refere não só à medicina tradicional chinesa, à ayurvédica hindu, à medicina árabe e às diversas formas de medicina indígena. As terapias da MT incluem terapias com medicação, que utilizam ervas, partes de animais e minerais, e terapias sem medicação, como a acupuntura, as terapias manuais, terapias espirituais e exercícios individuais para obter bem-estar e prevenir enfermidades. Em países onde o sistema sanitário dominante é o alopático, a medicina tradicional se classifica como medicina ‘complementar’, ‘alternativa’ ou ‘não-convencional’” (tradução nossa).

emprestado de Merleau-Ponty², já que o sentido fenomenológico atribuído por esse autor parece ser o mesmo assumido pelas medicinas alternativas e novas espiritualidades.

Optamos pelo termo *novas espiritualidades* para denominar o conjunto genérico de grupos religiosos orientais e espiritualidades inspiradas em tradições orientais que rejeitam o dualismo cristão e são normalmente englobados entre os *Novos Movimentos Religiosos* ou sob o enorme guarda-chuva que é a *New Age*. São um tipo de espiritualidade individualizada que ao mesmo tempo “perpassa tudo que é natural, e liga todas as pessoas à ordem cósmica” (HEELAS, 1996, p. 18). Popularizadas no Ocidente após a contracultura, essas espiritualidades são ecléticas, misturam elementos profanos e religiosos e prescindem da intermediação de instituições religiosas, podendo utilizá-las ou não. Geralmente não há fortes vínculos institucionais, a ênfase está no desenvolvimento espiritual individual de âmbito privado. O indivíduo recorre a diferentes áreas de conhecimentos (religião, ciência, filosofia, arte, psicologia, ecologia) para compor um mosaico singular de crenças e sentidos.

Não é possível definir exatamente os contornos desse fenômeno religioso, tamanha sua complexidade. Sua expressão estatística é inexpressiva. Nota-se, porém, que as tradições bíblicas vêm perdendo vigor entre os estratos médios urbanos bem-educados (CHAMPION, 1996), nos quais cresce a adesão à concepção de Deus como força impessoal, energia cósmica ou princípio inteligente que ordena o universo (CAMPBELL, 1997) e que pode ser contatado diretamente por experiência subjetiva.

A salvação, na concepção das novas espiritualidades, se daria neste mundo (e não no além). Corresponderia à felicidade, ao prazer, à saúde, ao bem-estar, à prosperidade, alcançados pelo trabalho sobre o corpo e a mente, sobretudo mediante técnicas psicocorporais ou psicoesotéricas (CHAMPION, 1996). O corpo é, portanto, um veículo da salvação e por isso deve ser cuidado. Nas novas espiritualidades a saúde equivale a um sinal de bem-aventurança. Pode ser uma graça divina recebida por merecimento (a doença é muitas vezes vista como um carma adquirido nessa vida ou em vidas passadas), mas, sobretudo, ela é conquistada através do esforço pessoal e da virtude, do procedimento ético que previne o adoecimento. Manter-se saudável não só é um dever como também é um método de salvação. A doença é reflexo da desarmonia do corpo, causada tanto por fatores espirituais como pela artificialidade da vida moderna. A cura dependeria do retorno ao “equilíbrio natural” do organismo.

² A noção de corporeidade de Merleau-Ponty considera “o corpo (carne) como modo de apreensão sensível do significado”, que não pode ser reduzido à ordem biológica, pois envolve a estrutura psicológica e cultural. O autor enfatiza a “experiência subjetiva encarnada” (DAOLIO et al., 2012, p. 186).

Medicinas alternativas e novas espiritualidades englobam o corpo físico num conjunto mais amplo de representações simbólicas, que envolvem manifestações espirituais, expressão livre de emoções e sentimentos, e retorno da espontaneidade natural. Essa corporeidade opõe-se ao modelo dualista cristão, é uma micro-representação do universo, na qual cada parte é um retrato holográfico do corpo todo. O corpo é a natureza presente na própria pessoa e ao mesmo tempo é um sustentáculo do espírito; integra o indivíduo com o ambiente natural e cósmico. A valorização da saúde e do cuidado com o corpo é acentuada, bem como a responsabilidade individual pela cura. Nessa visão de mundo, evitar o adoecimento seria possível pela conduta regrada e por práticas terapêuticas corporais, com objetivo de recuperação da naturalidade humana obliterada pela industrialização.

O sentido alternativo de corporeidade integrativa

A contracultura deflagrou um processo de reação contra a hegemonia da racionalidade científica e contra a separação entre corpo e espírito decretada pelas tradições cristãs. Surgiu um novo modelo de corporeidade que se contrapunha ao corpo-máquina e ao controle social dos corpos. Essa contestação teve início no final do século XIX, opondo-se ao positivismo das ciências biomédicas, mas se afirmou mais fortemente nos anos 1960. De efetivamente novo, a contracultura semeou a liberação sexual e propiciou a alteração da representação corporal ocidental para incluir a dimensão psíquica e espiritual. Desse período emergiram propostas alternativas não só à noção de corpo, mas aos modelos de sociedade e de racionalidade vigentes (ALBUQUERQUE, 2004, p. 146). Contestava-se a fragmentação do indivíduo e a sobrevalorização da razão. A concepção dualista moderna direcionou o comportamento para o controle do corpo, da mente, das emoções, bem como da natureza. As novas representações recusavam a superioridade dos aspectos racionais, a intervenção na natureza, a repressão do corpo e dos afetos, incentivando o desenvolvimento da sensibilidade. De acordo com Albuquerque (2004), a construção de novas corporeidades se apresenta como resposta às pesadas conseqüências da civilização sobre o corpo.

Martins também associa as transformações das representações de saúde, corpo e espiritualidade com o questionamento da racionalidade moderna e com a oposição ao corpo cartesiano, apontando a emancipação de um imaginário relacionado ao prazer e bem-estar do indivíduo (MARTINS, 1999, p. 82) que rejeita a repressão corporal cristã. As ideias de bem-estar e de qualidade de vida alcançados através do trabalho corporal, de retorno ao natural e de autocuidado aparecem muito nos discursos das medicinas alternativas ou complementares

e das novas espiritualidades. Entretanto, é importante frisar que são ideias perfeitamente conciliáveis com os valores hedonistas de culto ao prazer e de culto ao corpo, presentes na modernidade tardia, bem como estão afinadas com a pedagogia governamental do autocuidado para evitar custos com a saúde da população.

Aspectos simbólicos da cura integrativa

Na opinião de Soares (1994), na cultura alternativa a cura equivale de certo modo a uma purificação, obtida pelo desenvolvimento “anímico e psicológico” através de três vias principais: “o alimento puro para o corpo físico; o alimento espiritual que advém do convívio harmonioso entre os humanos e com a natureza; terapias que se aplicam sobre circulação de energia” (SOARES, 1994, p. 198). A cura está na natureza porque ela é anterior à humanidade e participa da essência primordial, por isso não seria contaminada pelos artificialismos das civilizações. A natureza possuiria uma inteligência ou sabedoria, um princípio ordenador “dotado de sentido” acessível ao humano (SOARES, 1994, p. 194).

Outras perspectivas de análise destacam a importância dos ideais de integração e de transformação da consciência individual e comunitária para a construção de novos valores de cooperação e solidariedade. De acordo com Amaral (1996), as concepções integrativas presentes nas novas espiritualidades e nas medicinas alternativas revelam no fundo desejos de fusão em uma totalidade, recuperação de uma unidade perdida e restabelecimento de vínculos sociais rompidos no modo de vida cosmopolita. Isso está expresso no ideal de comunidade, que ressalta o entendimento entre os indivíduos e o coletivo. A cura ou “grande reconciliação” (AMARAL, 2000, p. 61) equivaleria a uma transformação radical que devolveria a harmonia entre indivíduo, natureza e sociedade. Aspira-se principalmente à restauração da saúde do mundo contemporâneo, que é visto com desconfiança (AMARAL, 2000, p. 61).

A conexão entre as novas espiritualidades, novas corporeidades e medicinas não convencionais se faz principalmente através das crenças na integração cosmos-natureza-humanidade e corpo-mente-espírito, pela sacralização da natureza e pela representação de saúde como equilíbrio do organismo, equivalente à conciliação entre o ambiente natural, social e cósmico. A saúde corresponderia à circulação desimpedida da energia cósmica (vital) pelo organismo, conforme identificou Amaral:

Curar significa, neste caso, harmonizar as energias do corpo de maneira que elas ressoem com as mais amplas forças e leis da natureza. As técnicas de cura se constituem, assim, de manipulações, isto é, de intervenções do “curador”, através de trabalho sutil, no nível físico-energético, com a finalidade de remover obstruções que

impedem a operação da lei harmonial. Os corpos devem vibrar para renovar as forças naturais de acordo com as leis cósmicas e, se necessário, uma intervenção ativa deve ocorrer para “tornar a natureza mais natural”, porque a harmonia deve ser ajudada (AMARAL, 2000, p. 62).

Um dos pilares das novas representações de corpo, saúde e espiritualidade é a existência de uma força, fluído ou energia vital que perpassa tudo no mundo, inclusive os seres humanos, e que faria a ligação entre os indivíduos e o universo. A integração dos humanos entre si e com a natureza em uma espécie de “comunhão inteligente” se faz pela “energia”, categoria articuladora entre as três pontas da tríade que sustenta a cultura alternativa: corpo, natureza e espírito (SOARES, 1994, p. 198). De acordo com Luis Eduardo Soares, a energia é a moeda corrente no meio alternativo, pois sendo material e imaterial ao mesmo tempo, funciona como uma mediadora que alinhava o corpo, a natureza e o plano cósmico. Diz o autor: “a síntese que incorpora corpo e espírito sob o signo da energia confere à natureza qualidades que a humanizam, espiritualizando-a” (SOARES, 1994, p. 193).

As medicinas não convencionais geralmente seguem o modelo vitalista de G. E. Stahl (1660-1734), que acreditava em uma substância inteligente imaterial regendo o corpo vivo, identificada como uma força ou fluído vital. A tradução das noções de *Ch'i* da medicina chinesa e de *prana* da medicina indiana para a ideia vitalista de energia vital permitiu uma ponte entre essas medicinas tradicionais e as medicinas não convencionais desenvolvidas no Ocidente, tais como a homeopatia, a antroposofia, os florais de Bach, etc. A noção de energia também abriu um diálogo com o esoterismo, o ocultismo, a teosofia, o espiritismo e outras correntes influenciadas pelo magnetismo de Mesmer. Além disso, a energia vital é uma categoria chave para vertentes pós-psicanalíticas como as junguianas e reichianas, o que possibilitou a articulação dessas teorias psicológicas, ainda que reinterpretadas, com os sistemas de *cura vibracional*. O pressuposto reichiano de energia vital relacionada à bioenergia sexual foi bastante difundido nas décadas posteriores à contracultura, aproximando as terapias corporais pós-freudianas com medicinas alternativas e novas espiritualidades.

Muitas das medicinas alternativas podem ser também chamadas *medicinas vibracionais* ou *energéticas*, levando-se em conta que propõem a manipulação da energia vital para restabelecimento da saúde (AMARAL, 2000, p. 62). Assim, podemos considerar como sistemas de *cura energética ou vibracional* tanto a homeopatia e os florais, que utilizam remédios que não possuem princípios ativos e que atuam de modo vibracional, quanto a cura através de cristais, radiestesia, aromaterapia, cromoterapia, reiki, acupuntura, entre outros. Acima de tudo, no campo das *medicinas vibracionais ou energéticas*, busca-se uma realidade

que extrapole o indivíduo. A eficácia da cura residiria na “grande reconciliação” (AMARAL, 2000), no reencontro do indivíduo com uma totalidade abrangente que engloba natural, social e metafísico, entendida como junção entre matéria e espírito e como integração entre a psique e o corpo biológico.

A noção de energia vital aproxima vertentes alternativas espiritualizadas e seculares, constituindo-se como ponto de convergência entre diferentes grupos numa mesma visão de mundo na qual se destacam o autocuidado com a saúde e o corpo, a harmonia com a natureza e a recuperação de um equilíbrio perdido (SOARES, 1994, p. 199). Atualmente a ideia de energia continua embasando as medicinas alternativas, porém cada vez mais desvinculada dos valores espirituais e justificada por posições pseudocientíficas, na tentativa de validar os aspectos mágicos de sua manipulação para obtenção de saúde e bem-estar.

A abordagem energética ocupa uma zona fronteira entre os saberes tradicionais e a racionalidade científica que possibilita os mais inusitados hibridismos, não necessariamente ratificados pelas instituições acadêmicas, mas que foram inegavelmente legitimados pelo senso comum (LAPLANTINE; RABEYRON, 1989). A linguagem da física quântica foi apropriada para dar conta da noção de energia vital, tanto nas espiritualidades como nas medicinas alternativas. De acordo com Amaral, a metáfora do quantum, equivalente a um “mínimo indivisível, comum a tudo no universo”, foi transposta para a “essência cósmica primordial”, ao qual está ligado um “*self* superior, definido como não matéria”, que seria a “menor unidade do indivíduo”, manifesta em luz e energia (AMARAL, 2000, p. 65). O pensamento, de acordo com essa concepção, também corresponderia a ondas de energia, podendo interferir de modo concreto no mundo através do efeito vibracional “a fim de remover bloqueios e facilitar processos de comunicação, no nível mais fundamental, para efeitos de cura” (AMARAL, 2000, p. 66).

A energia vital mais recentemente vem sendo explicada tomando de empréstimo os estímulos aos neurotransmissores ou os impulsos bioelétricos que transportam informações pelo corpo, à semelhança dos dados transmitidos pela web. Nessa leitura, a energia seria uma informação organizacional que direcionaria as estruturas subatômicas e que poderia ser modulada pelo pensamento, já que este também é composto por ondas vibracionais. A intenção do terapeuta para a cura seria muito importante, porque assim ele transmitiria essa informação para o corpo sutil do paciente. A cura, nesse sentido, não mais corresponderia ao reequilíbrio energético, mas à reorganização das informações vibracionais (no plano “micro-quântico”) em direção à saúde.

Considerações finais

De todo modo, na prática, o indivíduo do séc. XXI que se interessa por medicinas alternativas ou novas espiritualidades não parece muito preocupado com a veracidade das explicações científicas, basta que haja alguma, de preferência que remeta à física quântica ou às últimas descobertas das neurociências. Conforme apontou Champion, o indivíduo contemporâneo aceita apenas sua “experiência pessoal” como referência e pouco se preocupa com a “confrontação intelectual”, o rigor científico ou o “espírito crítico”. Trata-se de:

um indivíduo pragmático para quem a categoria útil vale mais que a categoria veraz, pois o que conta hoje não é a salvação (religiosa ou secular), em outro lugar ou no futuro, mas a vida presente. Importa menos que uma crença seja verdadeira ou não, e mais o que ela pode trazer em termos de bem-estar, felicidade pessoal, ajuda nas dificuldades e possibilidades de desempenho em uma sociedade na qual o desempenho é cada vez mais valorizado (CHAMPION, 2001, p. 40).

Enfim, corporeidade, saúde e espiritualidade se articulam de diferentes modos na alta modernidade, podendo inscrever-se tanto no pragmatismo do culto ao corpo e da busca da eterna juventude como em um projeto de salvação nesse mundo, que pode ser individual, através da manutenção da vitalidade com qualidade de vida, ou social, no sentido de cooperação solidária e atitude ecológica que leve ao bem-estar não apenas individual. Podemos verificar, no entanto, que os ideais de integração coletiva, comunidade cósmica e “grande reconciliação” comparecem cada vez menos no discurso das medicinas e terapias alternativas em geral, cedendo lugar a uma retórica de integração individual entre corpo e psique que reposiciona a razão no comando do corpo e das emoções, colaborando para a culpabilização individual pelo adoecimento.

O termo corporeidade ainda não pode ser encontrado em dicionários recomendados, mas o dicionário informal da web indica que na acepção atual mais comum a corporeidade é “um processo mental”, no qual “o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo”, para reafirmar as suas intenções. Assim, paradoxalmente, a corporeidade integrativa - que se pretendia contra a racionalidade científica e o predomínio da razão - encontra-se agora ressignificada pela neurologia, que reitera as possibilidades de controle racional da mente sobre o corpo.

Referências:

- ALBUQUERQUE, L. M. B. “Estrutura e dinâmica dos novos movimentos religiosos”. In: MARTINO, Luis M. S.; SOUZA, Beatriz M. de (orgs.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 139-150.
- AMARAL, L. “As implicações éticas dos sentidos nova era de comunidade”. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 1-2, 1996, p. 54-74.
_____. *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAMPBELL, C. “A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma Nova Teodiceia para um Novo Milênio”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 1997, p. 5-22.
- CHAMPION, F. “Religiosidade Flutuante, Ecletismo e Sincretismos”. In: DELUMEAU, Jean (org.). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Presença, 1996. p. 705-733.
_____. “Constituição e Transformação da Aliança Ciência-Religião na Nebulosa Místico-Esotérica”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, 2001, p. 25-43.
- DAOLIO, J. et al. “Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty”. In: *Pro-Posições*. Campinas, v. 23, n. 3 (69), set./dez. 2012, p. 179-193.
- HEELAS, P. “A nova era no contexto cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno”. In: *Religião e Sociedade*, v. 17, n.1-2, 1996, p. 15-32.
- LAPLANTINE, L.; RABEYRON, P.L. *Medicinas paralelas*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LUZ, M. T. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre as racionalidades médicas e atividades corporais*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- MARTINS, P. H. “As terapias alternativas e a libertação dos corpos”. In: CAROZZI, Maria Júlia (org.). *A nova era no mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 80-105.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005*. Genebra: OMS, 2002. Acesso em 24 mar. 2013. Disponível em: http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_EDM_TRM_2002.1_spa.pdf
- SOARES, L.E. “Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil”. In: *O rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 189-212.